

Boa tarde,

Cumprimento as professoras e os professores, as servidoras e os servidores, as estudantes e os estudantes, as equipes terceirizadas, as nossas e os nossos pacientes e todas as pessoas que fazem da FOU SP uma instituição viva.

Gostaria, mais uma vez, de agradecer a presença do reitor, Prof. Dr. Aloisio Assegurado, da Profa. Liede Bernucci, nossa vice-reitoria, Profa. Eloisa Bonfa, Diretora da Faculdade de Medicina da USP e Adriana Alves, coordenadora do Escritório USP Mulheres entre 2021 e 2023.

Hoje eu quero começar pelo que talvez seja a pergunta mais direta — e mais honesta — que eu posso fazer a mim mesmo em público, e que também me foi feita por vários no privado:

Eu, como homem, Diretor da FOU SP, por que apoiar a iniciativa “FOU SP por Elas”? A resposta é simples:

Porque equidade e respeito não são pautas de um grupo. São condições mínimas para que uma universidade cumpra sua missão. Uma instituição pública, formadora de profissionais e responsável pelo cuidado em saúde, não pode se afastar desse compromisso.

E permitam-me começar com um exemplo que me tocou profundamente. Um episódio que atingiu não apenas a mim, mas também a minha família — e, sobretudo, uma mulher por quem tenho enorme respeito: minha esposa.

Há cerca de vinte e poucos anos, ela era aluna de doutorado na pós-graduação da FOU SP. Em determinado momento da vida, tomou uma decisão que deveria ser vista como algo natural: decidiu ser mãe. Ela ousou engravidar.

Mas, apesar de ser orientada por uma mulher, em vez de acolhimento, recebeu humilhação. Foi acusada de falta de compromisso, de não estar verdadeiramente dedicada à vida acadêmica. E o pior ainda estava por vir. Durante o doutorado, ela engravidou pela segunda vez. E, mais uma vez, foi tratada com desconfiança, desrespeito e acabou sendo descartada academicamente, apesar de cumprir rigorosamente todos os seus compromissos: presença nas atividades, produção científica, publicações.

Chegou ao ponto de precisar esconder os enjoos e os vômitos para que sua condição não fosse usada contra ela.

Esse episódio teve um impacto profundo em minha esposa. Mas também teve um impacto profundo em mim. Naquele momento eu era um jovem docente. E hoje preciso reconhecer algo que me marcou profundamente: eu não tive coragem de enfrentar aquela situação. Talvez por falta de maturidade, talvez por medo. Medo de uma estrutura de poder que parecia inquestionável. Mesmo sendo homem, eu também temia aquele ambiente.

E o mais doloroso é lembrar que, naquele momento, minha esposa também não encontrou apoio de outros docentes do departamento. Ali se encerrava, talvez, uma promissora carreira acadêmica.

E por histórias e tantas outras como essa que ainda acontecem, que iniciativas como FOUSP por Elas não são apenas importantes — elas são necessárias.

“Por Elas” não significa “apenas para mulheres”.

Significa reconhecer, com clareza, que desigualdades de gênero ainda geram barreiras, violências e silenciamentos, e que enfrentá-las exige prioridade, método e coragem institucional.

Ao mesmo tempo, significa afirmar que essa transformação não acontece sem a participação de todas e todos. De qualquer forma, homens de rosa e mulheres de azul.

A “FOUSP por Elas” nasce com um propósito institucional: promover um ambiente acadêmico, assistencial e de trabalho em que todas as pessoas possam aprender, ensinar, pesquisar, cuidar e ser cuidadas com dignidade, segurança e reconhecimento.

Eu não falo disso no vazio. Universidades no mundo todo têm produzido evidências sobre clima institucional e discriminação. Na própria USP, em um relatório de 2020, mostrou que uma parcela relevante de estudantes percebe a universidade como um ambiente ainda marcado por atitudes sexistas. Esses dados não são acusações. São sinais de alerta. E alertas servem para orientar mudanças.

Também não partimos do zero. A USP assumiu compromissos públicos importantes no movimento HeForShe / ElesPorElas, que incluem formação em gênero para estudantes, docentes e servidores, orientação institucional para ingressantes e o enfrentamento da violência de gênero com transparência e monitoramento de resultados.

Portanto, o que fazemos hoje na FOUSP é alinhamento institucional. Conectamos esse tema àquilo que uma universidade deve ser: um espaço onde a educação contribui para erradicar violência e discriminação e onde se aprende, na prática, o que significa respeito. E eu quero dizer algo com todas as letras: Homens devem apoiar — e não em silêncio.

Devem apoiar porque ocupam posições de poder formal e informal. Porque muitas vezes são referência para estudantes e colegas. E porque igualdade de gênero não é uma perda para os homens. É um ganho civilizatório.

Amplia liberdade. Melhora relações. Fortalece uma cultura em que ninguém precisa provar valor enfrentando preconceitos ou estereótipos.

A “FOUSP por Elas” é, portanto, um convite — e também um compromisso.

Um convite para as mulheres: para que encontrem nesta iniciativa um território de confiança, liderança, voz e proteção.

Um convite para os homens: para que sejam aliados, aprendam a reconhecer vieses e microviolências, intervenham quando necessário e assumam corresponsabilidade por um ambiente em que o respeito não é negociável.

Um convite para toda a comunidade: para que ninguém normalize atitudes de homens ou mulheres que humilham, intimidam, silenciam ou coagem. Que ninguém naturalize o uso do poder hierárquico para desmerecer colegas, criar obstáculos, manipular processos ou tentar prejudicar trajetórias acadêmicas. Isso pode acontecer no cotidiano dos corredores, nas salas de reunião, nos colegiados e, infelizmente, às vezes até em concursos públicos.

Uma universidade que se pretende grande não pode tolerar práticas pequenas. E uma comunidade acadêmica verdadeiramente ética não se constrói apenas com excelência científica, mas também com coragem moral para dizer, com clareza: isso não é aceitável entre nós.

Alguns podem perguntar: “Isso não vai dividir a comunidade?”

A minha resposta é simples. Divisivo é o silêncio diante da desigualdade e da violência. O que une é construir um lugar em que todas as pessoas se sintam seguras, respeitadas e reconhecidas — um lugar onde o mérito não precise competir com o medo.

Não podemos aceitar em silêncio falas como aquela que recentemente ouvimos em nossa própria Congregação:

“Não existem mulheres competentes para compor esta banca.”

Nomear essas situações não divide a comunidade.

Fortalece a comunidade.

Outros podem perguntar: “Por que ‘por elas’?” Porque nomear é tornar visível.

E porque ainda precisamos garantir que as experiências das mulheres — muitas vezes atravessadas por desigualdades de gênero, raça ou classe — sejam reconhecidas e enfrentadas com seriedade.

A iniciativa é por elas, mas é com todos. E, acima de tudo, é pelo futuro da nossa instituição. Eu encerro com um chamado muito prático.

A partir de hoje, eu peço que cada setor, cada docente, cada servidor ou servidora, cada estudante se pergunte:

Qual atitude eu posso assumir para tornar o nosso ambiente mais respeitoso e mais seguro?

Pode ser participar de uma formação.

Pode ser orientar um colega.

Pode ser apoiar uma aluna que precise de encaminhamento.

Pode ser recusar uma “piada” que humilha.

Pode ser intervir com responsabilidade quando alguém ultrapassar limites.

é reconhecer o mérito e a liderança feminina.

E faço um pedido especial aos homens: não deleguem esse tema. Assumam seu lugar como aliados. A universidade precisa disso.

E a FOU SP — tão celebrada como uma das melhores faculdades de Odontologia do mundo — não pode ser apenas referência técnico-científica. Ela precisa também ser referência de cultura institucional, de respeito e de comportamento.

Porque, no fim, a verdade é simples: quando a FOU SP avança para elas, a FOU SP avança para todos.

Declaramos, Profa. Cristina e eu, lançada a iniciativa FOU SP por Elas.

Muito obrigado.